



Adolescentes e suas Percepções sobre a sexualidade

Maria Sueli Sampaio Aragão¹; Rita Edevanira de Sá Carneiro²; Hidemburgo Gonçalves Rocha³

Resumo: O estudo do comportamento dos adolescentes frente à sexualidade tem sido de extrema importância nos estudos realizados pelos mais diversos segmentos sociais. A Psicologia, a Pedagogia além de outras áreas do conhecimento, destinaram seus olhares para este tema que é de uma imensa profundidade. Por ser o adolescente um ser em constantes conflitos com o mundo, acaba tornando-se um elemento dinâmico, sendo necessários vários estudos para que se possa compreender suas ações e percepções. O termo “adolescente”, é um vocábulo já entendido como alguém em mudança, dinâmico, evolutivo, em inúmeros estudos. O objetivo principal deste estudo é conhecer as concepções dos adolescentes relativas à sua sexualidade. Para isso, tornou-se necessário também: a) Caracterizar os sujeitos da amostra; b) Discutir aspectos ligados às concepções dos sujeitos acerca da sexualidade e, c) Analisar aspectos sócio-culturais implícitos nas concepções explicitadas pelos sujeitos. Compreender a adolescência, suas concepções e interação com o meio são fatores primordiais para que se construa um entendimento do pensamento desse grupo, acerca de tão polêmico tema que é a sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade, Educação, Adolescente.

Adolescents and their Perceptions regarding sexuality

Abstract: The study adolescents' behavior regarding sexuality has been extremely important in studies conducted by several social segments. Psychology, Pedagogy and other fields of knowledge, destined their looks to this topic which is of immense depth. Since adolescents are beings in constant conflict with the world, eventually they become dynamic elements, so several studies are needed so that we can understand their actions and perceptions. The term "adolescent", is a term already understood as someone changing, dynamic, evolving, in numerous studies. The main objective of this study is to identify the concepts of adolescents regarding their sexuality. For this, it became necessary to also: a) characterize the sample subjects b) Discuss issues related to the concepts of the subjects about sexuality and, c) analyze socio-cultural aspects implicit in the concepts explained by the subjects. Understanding adolescence, their conceptions and interaction with the environment are major factors for us to build an understanding of the thinking of this group, about this so controversial topic that is sexuality.

Keywords: Sexuality Education, Adolescent.

¹ **Maria Sueli Sampaio Aragão** é Pós-graduada em psicologia Aplicada à Educação pela Universidade Regional do Cariri - URCA.

² **Rita Edevanira de Sá Carneiro** é graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Especialista em Gestão Escolar e em Mídias na Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: edevanira@yahoo.com.br.

³ **Hidemburgo Gonçalves Rocha** é Professor da Universidade Regional do Cariri – URCA/CE. Doutor em Farmacologia pela Universidade Federal do Ceará.. E-mail: hibemburgo.rocha@hotmail.com



Introdução

O termo adolescente sempre foi passível a estudos. O vocábulo nos leva a entender alguém dinâmico, evolutivo, sempre buscando novas descobertas. Para que possamos compreender melhor o enigma que gira em torno deste conceito, vejamos o que já dizia Aristóteles: “[...] Cerca de 300 anos antes do nascimento de Cristo, Aristóteles queixava-se que os adolescentes são ‘apaixonados, irascíveis e sujeitos a serem levados por seus impulsos.’” (KIELL *apud* MUSSEN *et al*, 1967, p. 18-19)

Podemos perceber que desde as épocas mais remotas, a fase da adolescência na humanidade não passou despercebida, por tratar-se de uma diferenciação na sua rebeldia, mudanças físicas, sexuais, psicológicas cognitivas e sociais. Período em que os adolescentes procuravam auto-afirmação diante do relacionamento com o seu grupo e com a sociedade que era inserida. Há procura de uma “liberdade” que deixa inseguro e conturbado por desconhecer a sua própria identidade diante da maturidade de solucionar problemas.

A adolescência é uma fase onde as tomadas de decisões tendem a solucionar problemas ou desejos movidos pelas emoções momentâneas, que logo podem acarretar insegurança e frustrações.

A puberdade representa o início da maturidade sexual, associada a um processo de crescimento cronológico e psíquico assustador para muitos adolescentes, surpreendentes e curiosos para ambos os sexos. No sexo masculino ocorre em média aos 13 anos, no sexo feminino aos 11 anos, esse fenômeno natural denomina-se estirão de crescimento. Esse processo é variável, pois muitos autores defendem fatores individuais do próprio organismo quanto às variantes genéticas, ambientais, biológicas e nutritivas.

As características sexuais secundárias, representam para Zagury (1997, p. 27) “o aparecimento de uma nova identidade, oposta à infantil para a qual muitos pais não se encontram preparados.” “Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), considera-se a adolescência a faixa da vida que se inicia aos 10 e vai até os 20.” (DANTAS, 2002, p.85)

A preparação para aceitar as mudanças na fase da adolescência não ocorrem subitamente, mas sim necessitam acontecer gradativamente. Por mais que as mudanças nessa fase sejam algo inusitadas, todas tem um sentido, sendo necessário entendê-las com cautela. Mussen *et al* (1995, p.523) tece o seguinte comentário acerca dessas mudanças: “É necessário tempo para integrar essas mudanças dramáticas em um sentido emergente de uma identidade estável auto-confiante.”

Como vimos, as variações são distintas ao atingir a puberdade, o adolescente vive um momento crucial que pode afetar a sua auto-imagem, sendo esta uma fase de sensibilidade



às críticas e repressões.

A falta de limites faz com que muitas vezes essas pessoas se revelem inaptas para lidar com os reveses e frustrações naturais da vida. Elas têm dificuldade para se relacionar em ambientes marcados por hierarquias (como o trabalho) e em muitos casos, não conseguem nem mesmo se emancipar. Tanto no ponto de vista emocional quanto financeiro. (MARTHE, 2004, p.75)

As palavras do autor, sugerem o quanto a falta de limites pode contribuir para a formação de um adolescente mais conflituoso, o que mais tarde pode prejudicá-lo, podendo acarretar dificuldades relativas a uma posição de subordinação ou afetando até mesmo seu amadurecimento.

Nota-se ainda que não há no caráter adolescente um discernimento sobre como agir diante de determinadas situações, sendo que, na maioria das vezes ou são impulsivos e imediatistas ou se quer, dão a devida importância ao que se passa.

Mesmo adolescentes muito inteligentes e adultos nem sempre empregam sua capacidade para o pensamento operacional formal, como por exemplo, quando um problema parece muito distante da realidade, ou quando eles ficam chateados, cansados, frustrados ou muito envolvidos emocionalmente. (CONGER;PETERSEN, 1984; NEIMARCK, 1975 *apud* MUSSEN *et al*, 1995, p.528)

Segundo os autores, uma das características típicas do ser humano é reagir impulsionado pelo instinto, mergulhando em reações irracionais, em situações constrangedoras e complexas. Essas reações impulsivas são reflexos mal elaborados na infância ou no período da adolescência.

Em contra partida são privilegiados por apoderar-se de uma capacidade invejável; sistematizar situações observáveis e formular hipóteses a partir de situações puramente teóricas, preliminares e imediatas. Suas euforias nessa fase de experimentação e sede pela liberdade, sem impor limites, às vezes causam decepções quando não chegam aos seus objetivos ou machucam profundamente aos seus entes queridos, família e amigos.

Vários fatores contribuem para esta explosão de emoções, liberdade e insegurança. Trata-se de mudanças radicais no metabolismo físico e químico, em que o indivíduo desconhece o seu próprio eu. Sua iniciação perdura do início da sua puberdade estendendo-se até a maturação psicológica, do assumir atos com responsabilidade, na construção de sua identidade. Para que esta fase seja menos conflituosa, é preciso que haja um ponto de equilíbrio no desenvolvimento bio-psico-social, que possa haver sintonia e intercâmbio nas informações do comando central – o cérebro.



A adolescência, de acordo com pesquisas recentes, é uma fase em que o cérebro ainda passa por processo de maturação mental. O sistema nervoso e os hormônios são os responsáveis diretos pelo comportamento dos adolescentes. Áreas específicas do cérebro passam por períodos de amadurecimento distintos. A região do córtex pré-frontal é responsável pela inibição das reações emocionais e é a área que possui decorre a partir o período mais longo de amadurecimento. Explica-se dor a atitudes impulsivas dos adolescentes. Tantas outras regiões cerebrais apresentam situações de desenvolvimento e crescimento, a partir das conexões (sinapses) ou desconexões estabelecidos entre os neurônios, o aumento em número ou a complexibilidade das ligações. “Hoje se sabe que varias estruturas cerebrais seguem evoluindo durante a adolescência, embora nem todos cresçam. A idade em que essas mudanças se processam varia. O cérebro das meninas desenvolve-se cerca de dois anos mais cedo, mas homem e mulheres costumam emparelhar lá pelos 20 anos.” (TEIXEIRA; TATINI; MARTE, 2004, p. 35)

Acrescenta ainda acerca da adolescência seguintes relatos:

A adolescência é uma transformação profunda que impõe ao jovem grandes exigências de adaptação, relacionadas com as novas funções biológicas, novas formas de relação interpessoal e novas responsabilidades sociais. (REY, 2002)

O termo “adolescência” pode ser entendido ainda como o período almejado por muitos que aproximam-se dessa fase, mesmo conscientes de que se trata de um período de transição, perdas e ganhos. O indivíduo sente-se orgulhoso por estar enquadrado no grupo dos adolescentes, entretanto torna-se insatisfeito pela perda do seu corpo infantil, ganhando movimentos imprecisos. Nessa troca de perfil e status, mergulha-se na insegurança e ao mesmo tempo, movido por ousadia e virilidade, buscando afirmar-se na nova identificação.

Nesse conflito individual e social existe uma tendência a impulsos imprevisíveis que dificultam a adaptação. O adolescente sente-se impotente diante das mudanças biológicas bruscas e pensamentos fantasiosos sem autocontrole e, a pressão de suas idéias, divergindo com as anteriores.

Ressalta-se ainda que, os fatores sexuais também influenciam diretamente no comportamento do adolescente, impossível compreender tal fase dissociada da sexualidade.

Para reforçar a relação preciosa e existente entre esses elementos vejamos o relato apresentado a seguir a cerca da sexualidade:

Sexualidade, segundo o vocabulário da psicanálise trata-se de “toda série de excitações e atividades presentes desde a infância e que procuram prazer irredutível na satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental, como ocorre com a fome, a respiração e o amor.” (ROCHA, 2004)



É comprovado cientificamente que o ser humano ao ser concebido carrega consigo na carga genética dispositivos que vem a fluir no decorrer de sua vida para atender a um determinado prazer que satisfaça o seu ego.

Observando-se minuciosamente a sexualidade, perceberemos que este é um fator que já faz parte do indivíduo e que é manifestado através do mesmo. No auge da adolescência os elementos ligados às manifestações sexuais, ficam em evidência, conduzindo-o a um verdadeiro período de perguntas, dúvidas e descobertas.

Deve-se deixar claro que, a sexualidade não se refere apenas aos fatores físicos como também representa uma situação internalizada no indivíduo desde o nascimento como se verifica posteriormente.

A sexualidade não se limita aos órgãos genitais e ao ato sexual. É uma situação que já se inicia com o nascimento e irá abranger o corpo inteiro. Sexualidade é um processo de aprendizagem e, infelizmente, a estrutura social e cultural repercute na maioria das vezes de maneira negativa sobre a pessoa de modo a torna-la disfuncional. (FEBRASCO, 2001, p.88, *grifo nosso*)

Somos seres frágeis e dependentes ao nascer, mais do que qualquer outro ser vivo. Nossa dependência é mais prolongada e requer mais cuidados específicos, para a nossa sobrevivência. Dependemos totalmente do manuseio de outras pessoas. Isso reforça a afirmação do que o homem é um ser social.

Quando nascemos, já encontramos um ambiente formado por regras prefixadas, pelo que denominamos de cultura, fator que rege nosso contexto social, político e religioso. No início, essas regras passam despercebidas por não termos condições de discernir a profundidade desses preceitos estabelecidos ao longo da história. Conscientes ou e inconscientes (muitas vezes alienados ao sistema) vamos internalizando valores apreendidos pelos mecanismos de observação, combinação que permeiam fortes significados a nossa aprendizagem.

Esses conceitos apreendidos são digeridos em nossa longa caminhada, havendo reproduções, transformações e transcendências perceptíveis nas nossas ações, que às vezes divergem com as normas estabelecidas dentro da nossa cultura.

A fase humana que mais transforma e motiva uma sociedade pelo entusiasmo de viver intensamente suas emoções, mesmo sentindo insegurança de suas decisões impetuosas e inconstantes em busca de afirmar-se na transição de nova identidade é a da adolescência. Na maioria das vezes, essas relações interpessoais em grande escala social tornam-se conflituosas. Para reforçar ainda mais a relação adolescência e sexualidade podemos compreender o trecho a



seguir:

Segundo OMS: Adolescência é um período do desenvolvimento humano que se estende aproximadamente 10 aos 19 anos de idade caracterizado por uma resolução bio-psico-social. É um período de grande crescimento e transformações e vivido intensamente. (ROCHA, 2004)

Esta estação prolongada, pode-se registrar ao longo da história, através de características como explosão de conflitos, insegurança, rebeldia, ousadia e a sede de liberdade. Esses afloramentos de excitações, com a necessidade de viver todas as emoções ao mesmo tempo são desencadeadas por estruturas bio-psico-sociais e pela luta do equilíbrio para se adequar a esse novo mundo construído com identificações próprias e individuais. Os adolescentes sentem suspense no auge de suas aventuras, automaticamente ameaçados pela pressão da sociedade, por não poder colocar em prática, sem censura, suas ações mirabolantes.

O suspense dos pais é grande e melancólico no que se refere a expectativa de como intervir, sem prejudicar o percurso natural do desenvolvimento do filho, sentem-se aflitos por saberem que qualquer desvio não adequado pode trazer grandes e incontroláveis conseqüências, embora tais resultados possam gerar também o amadurecimento dos envolvidos no processo.

Percebe-se portanto que, a adolescência representa uma fase de emoções, constrangimentos, surpresas emocionantes que nos levam a identificar caracteristicamente o este período.

A cultura da sexualidade adolescente

Os fatores culturais sempre estiveram presentes de forma marcantes nos vários segmentos sociais. A cultura acompanha a humanidade desde os tempos mais remotos, pois fazemos parte de um processo dinâmico e vivemos em interação para satisfação dos objetivos.

É válido ressaltar que tais fatores podem influenciar positivamente ou não; dependendo da forma como sejam absorvidos. A verdade é que, muitos adolescentes, principalmente aqueles que não recebem uma boa formação, acabam deixando-se influenciar pelo modismo contemporâneo, repassado pela mídia ou grupos de colegas. As características mais explícitas são o vestuário, o falar, os tabus (principalmente aos relacionamentos íntimos).

Descobertas científicas recentes provam que não apenas o corpo, mas também a mente passa por grandes mudanças na adolescência. Do sexo sem preservativo à imprudência na direção, os adolescentes assumem comportamentos irresponsáveis em parte porque as estruturas mentais que inibem, respostas



intempestivas ainda não se consolidam. (TEIXEIRA; TATINI; MARTHE, 2004, P.35)

Verifica-se que o contexto científico representa um importante fator que influencia no comportamento e nas mudanças pelas quais passam os jovens nas relações culturais. Porém, além das justificativas ligadas ao campo científico para explicar as modificações ocorridas no cotidiano juvenil, há outros ligados à convivência em sociedade e é aí onde se situa boa parte do problema.

Numa sociedade onde há uma abertura imensa de portas, onde a imposição de limites tornou-se um desafio, o processo cultural no qual se encontram inseridos os adolescentes é facilmente influenciável a possíveis modificações, tudo para atender os caprichos de uma geração exigente. Como comprovação das diversas exigências entre os adolescentes, vejamos o paradoxo dos depoimentos de duas escolas:

Hora do recreio num colégio da zona sudoeste de São Paulo: bermudas e calças descosturadas se misturam a jovem de grife. Há cabeças raspadas, cabelos desengrenados coloridos, e penteados arrumadinhos. Alguns canais estão abraçados. A escola Oswald de Andrade, é conhecida como uma das mais liberais da cidade. [...] A poucos quilômetros dali, no Morumbi, o Colégio Santo Américo Santo Geraldo é reconhecido pelo o seu rigor e disciplina. (BIANCARELLI, 1998, p.8)

Pode-se observar que não é preciso ir muito longe, para ver que a cultura varia de um lugar para outro, ou até mesmo, dentro de um mesmo ambiente. Felizmente, às vezes, o exemplo ainda é o melhor mecanismo no qual se espelham os jovens. Quando é negativo contágio mais rápido e é fácil de ser imitado.

No processo de interação cultural é comum o adolescente esperar um incentivo ou influência para tomar alguma medida ou iniciativa.

Para aprendermos a produzir temos que entender como funciona o processo produtivo. E para tanto é necessário que nos ensinemos, que nos mostrem o caminho. O exemplo é a forma melhor de aprender qualquer coisa. (ZAGURY, 1997. p. 75)

Já os pais, por outro lado, sofrem, precocemente quando vêem que os filhos já foram almeçados pelas influências. “Em casa quase não nos falam, em compensação, não saem do telefone por horas e horas.” (ZAGURY, 1997, p.77). Além disso, Zagury (1997, p.77) ainda considera:

[...] Aí a gente começa a sentir saudades dos tempos em que podíamos levá-los para onde achássemos seguro, sem perigos maiores. [...] Depois eles começam a



dirigir e saem por aí, viajam. E a gente passa noites esperando ouvir o barulhinho tão querido, tão aliviante da chave abrindo a porta.

Verifica-se que, de acordo com as faixas etárias, as transformações culturais vão surgindo, e logo os jovens manifestam as vontades de acompanhar as mudanças ocorridas, mesmo que tenham que pagar um alto preço.

Quando a cultura adolescente é modificada numa esfera considerada leve, a sociedade dispõe de recursos chamados centros de recuperação, que podem ser a família ou órgão específico, entretanto, quando a influência induz a aspectos ligados às drogas ou sexo, a gravidade do problema se expande, pois são modificações consideradas perigosas.

Pode-se observar que os resultados negativos absorvidos pelos adolescentes do meio em que vivem são desencadeados por uma série de fatores omissos ou mal conduzidos pelos órgãos ou grupos responsáveis.

Devido a revolucionárias influências é que temos uma diversidade cultural no que se refere à sexualidade dos jovens. Há grupos onde predominam os tabus, crenças e as fases sexuais não devem ser avançadas, sendo reparadas ou punidas caso isso ocorra. Por outro lado há o que chamamos de “liberdade total” onde os filhos têm o consentimento dos pais a trazer namorados (as) para dormir em casa, no seu quarto.

Para entender melhor a diferença existente entre o consentimento para a prática de alguns atos e a liberdade total, Zagury (2002, p.150) esclarece:

[...] Desenvolva, desde cedo, padrões culturais tais como: Com relação à sexualidade há grande diferença entre liberdade sexual e promiscuidade, entre sexo e amor; entre liberdade total e respeito próprio. Discutir essas diferenças e ajudar a formar conceitos nos adolescentes é tão importante quanto falar sobre prevenção de AIDS e de gravidez precoce, que são os temas que os pais mais se atêm.

Percebe-se assim, que em meio a tantas transformações, a sociedade e em especial a família esta diante de um verdadeiro dilema, que é conciliar a orientação para o caminho correto com a liberação para que o filho atenda a um capricho.

Em meio a uma avalanche de culturas, faz-se necessário o diálogo em larga escala, buscando encontrar e aprimorar soluções e não desencadear maiores problemas culturais.

A postura dos Pais e dos Professores frente à sexualidade do adolescente



Para que se tenha um real entendimento de como e por que o adolescente procede de determinada maneira é indispensável que se conheça seus relacionamentos, ou seja, o convívio do adolescente com: escola, família, professores, etc.

Para que partamos inicialmente desse ponto devemos entender o que diz Tânia Zagury através da reportagem de Marthe (2004, p.72) “É certo que as metodologias pedagógicas modernas – novidades surgidas, nas primeiras décadas do século XX e que ganhou popularidade no Brasil sobretudo – a partir dos anos 70 – representaram um avanço em relação ao passado.”

Desde o início dos séculos, vem se registrando o quanto é calorosa e forte a união de pais e filhos que, na convivência, mesclam esse dispositivo como um fator importante no equilíbrio e na trajetória evolutiva a caminho de formação de novas gerações, perpetuando sempre os mesmos sentimentos no seio da família e da sociedade. Esses valores tão primitivos brotam naturalmente em todas civilizações como símbolo universal.

Essa relação tão profunda requer alguns códigos de convivência, e desde o início dessa relação, pais e filhos, têm como norte, o dialogo aberto e respeito mútuo. Quando as regras são entendidas e reelaboradas democraticamente surgem menos conflitos familiares.

Ressalta-se que, o filho, ao chegar a adolescência, deve ter seus interesses vistos de uma forma ampla, pois estes não são mais os mesmos da infância. Ele busca mais individualidade, num processo de distanciamento dos pais, voltando-se mais para formar grupos de amigos, pois as idéias são mais compatíveis e enriquecedoras na auto-afirmação. Fragiliza o elo entre os pais, o diálogo construído em seu percurso infantil, deixando-os de início um pouco desapontados.

O adolescente sente orgulho em estar compartilhando de um quadro harmônico com os pais em determinado período (fase infantil), porém sentem-se desprotegidos por mudanças repentinas, contrapondo com o comportamento anterior. Mesmo sendo esperado esse afloramento impetuoso nas suas tomadas de decisões, idéias, fantasias em suas aventuras, começam a resistir a algumas normas que não condizem com as subfases decorrentes a esse novo estado de vida tão envolvente, gerando alguns desapontamentos e oscilações de humores.

Essa fase requer compreensão dos pais, da escola e do meio social, pois seus impulsos são movidos por forças psicofísicas (explosão hormonal), um processo viril, valioso na fase do adolescente. Mas a regra principal não deve ser esquecida e sim, aplicada em grande escala, a valorização, o respeito mútuo pelo ser humano, uma amizade recíproca e verdadeira, para que não haja maus entendimentos, ressentimentos que possam causar desequilíbrio parcial ou que venha a contribuir na formação de um adolescente desajustado e conseqüentemente, um adulto inseguro.

Nessa fase, o maior dilema dos pais é saber com que grupo de amigos seus filhos se relacionam, quais as idoneidades morais dos componentes, pois é neste período de ajustamento



psico-social que desencadeia a maturação a referência maior que assumem, é um exemplo dos pais e o aval dos amigos.

Alguns adolescentes chegam a deixar os responsáveis em pânico. Os pais sabem que não existe uma receita infalível para conduzi-los à felicidade nessa fase tão sensível, de constantes mudanças, inquietações e impulsos à iniciação de vida sexual sem riscos. Podemos entender o que pensa os que educam através do seguinte comentário: “As vezes não é uso indevido da psicologia moderna nem a culpa que causam estrago: é o desejo de fugir da tarefa difícil que é educar um adolescente.” (MARTHE, 2004, p.72)

Sabe-se que, quando em estado psicológico e emocional confuso, perturbado, a tendência é que o adolescente isole-se, não socializando o problema, temendo punições familiares ou desabafe mediante o primeiro ouvido que estiver pronto a atender-lhe.

É exatamente nesse momento que o adolescente precisa confiar nos pais, deve haver abertura de um diálogo sem restrições, recheado de credibilidade, confiante e educativo, para a emancipação de sua maturidade.

É válido lembrar ainda que, por ser a escola, a segunda casa do adolescente é natural observar que, quando não se identifica com alguém mais próximo, buscará essa abertura em algum colega de grupo, geralmente da escola. É comum também, que nessa época haja alterações no comportamento do indivíduo, ocorrendo naturalmente queda no rendimento escolar, estado de rebeldia, são sinais que os pais e professores devem ficar em alerta.

A escola é envolvida num processo educativo de socialização e acompanhamento à sexualidade das crianças e principalmente os jovens. Segundo Louro (1997, p. 81)“a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual ninguém possa se despir”.

Além da escola, há também outros segmentos que estão diretamente ligados ao adolescente no cotidiano. A fase de mudanças é algo já constatado, desde os tempos mais remotos, pois neste período o ser humano sempre apresentou conflitos e descobertas. “A seleção sexual pode ser o mais antigo e primitivo de nossos instintos. Mas é ela que nos faz civilizados.”(BOSCOV; MARTHE, 2003, p.75)

Procurando rever informações como as supracitadas, percebemos que a sexualidade é um elemento imprescindível na vida do ser humano, essa essência nasce consigo, umas aguçadas e outras em estado latente, que irá despertar de acordo com o sujeito e a cultura que o permeia. Na verdade, quando houver problemas relativos a esse campo, uma reação ao comportamento civilizado é esperada, entretanto, o que se verifica é que, quando se trata do adolescente, esse conceito é desgastado, pois o mesmo age sempre de modo diferente do esperado.



Quando o assunto é sexualidade, a sociedade ainda reage de forma preconceituosa, impondo valores éticos e morais, não abrindo muitas vezes caminhos para o diálogo. O que o mundo moderno precisa compreender é que a mentalidade do adolescente hoje exige ações e comportamentos diferentes das de seus ascendentes. Assim sendo, não se pode esperar um total consenso de opiniões.

Os adolescentes de hoje são filhos, geração que se casou no final da década de 70. Na época estava em alta o relacionamento liberal, o sexo livre e a contestação à ordem social. É gente que deu liberdade aos filhos, mas não incluiu no pacote um modelo de comportamento sexual. (MARI, 2000, p.122)

A adolescência é um período de descobertas, quebra de tabus, pois o indivíduo é capaz de romper verdadeiros limites para atender seus impulsos ou se enquadrar em determinado grupo. Não foi à toa, que o celebre romancista Shakespeare, teve sucesso em sua obra-prima que discorre as emoções dos protagonistas Romeu e Julieta, em emoções incondicionais, incontrolável, fulminante na passagem do apogeu da adolescência. Chega-se ao ponto em que, dependendo da cultura ou formação recebida no seu convívio social, pode haver um real entendimento através do diálogo, mediante alguns deslizes no caráter sexual dos jovens ou no caso de uma educação mais tradicionalista, que o jovem seja submetido a reparar um “erro” ou ato amoral.

ROMEU: Ela está falando!... Fale de novo, anjo brilhante, anjo glorioso no alto desta noite, que faz os mortais arregalarem os olhos e torcerem o pescoço para vê-lo, quando cavalga nuvens preguiçosas e veleja pelo ar sereno.

JULIETA: Romeu! Romeu! Por que você é Romeu? Negue seu pai, renuncie seu nome. Ou, se não quiser, basta em jurar amor, e deixarei de ser uma Capuleto.

[...]

ROMEU: Peguei você pela palavra! Dá-me o nome Amor, que ficarei de novo batizado, e nunca mais serei Romeu. (SHAKESPEARE, p.43-44)

Essa regra mesmo patriarcal, ainda hoje pode ser constatada. Apesar de ainda haver posicionamentos conservadores, muitos defendem que a melhor saída seria achar o diálogo, uma linha que nos levem a real solução. Com base nisso Marthe (2004, p.72) cita Tânia Zagury quando diz: “Tania defende não é uma volta à educação rígida de antigamente, e sim, a busca de um ponto de equilíbrio que se perdeu em algum momento entre o fim dos anos 70 e a atualidade”.

O respeito, o diálogo, pelo que se viu anteriormente ainda representa a melhor maneira de entender a adolescência moderna, sendo que, aos elementos inseridos no processo de interação cabe grande responsabilidade em fazer valer esse respeito mútuo.

Além da família, também a escola desempenha importante papel na formação do caráter adolescente, ocupando reelevante função de formador social. É possível entendermos o



real valor desse papel, quando percebemos que “À escola foi atribuída em diferentes momentos, a produção do cristão, do cidadão responsável; dos homens e das mulheres virtuosos(as), das elites condutoras, do povo sadio e operário; etc.” (LOURO, 1997, p. 90)

Sendo assim, vimos que o sujeito é dotado de características acentuadas que manifestam a sexualidade e que tais características os acompanharão independente do contexto no qual se encontram inseridos. Vê-se ainda, como papel da escola na formação do bom cidadão, ocupar um espaço insubstituível estabelecido na relação social e educacional, no qual o adolescente buscará amparo espiritual e funcional.

Paradoxalmente, nesse ângulo, verifica-se que há uma reação da escola diferente muitas vezes da que é aguardada. No cotidiano são observados episódios que levam à inibição, frustração, descontentamento, pois nem todos envolvidos no processo estão preparados psicologicamente e munidos de conhecimentos para a abertura, diálogo.

Como se não bastasse, não se dá muitas vezes a devida valorização aos problemas de elementos dessa faixa-etária quando estes necessitam de um norteamo e, na maioria das vezes, quando se dá a atenção necessária, pode ser suficientemente tarde, pois os problemas e incertezas já encontram-se avançados.

Deixa-se claro, que a interpretação não é abrangente, pois há exceções, porém, o que se verifica na maioria dos casos é que ainda não há uma preparação para acompanhar os modismos, características de comportamentos alterados, gírias, ou seja, o método punitivo, inibidor ainda predomina, isto, quando o diálogo não funciona, como alerta a um comportamento inadequado à situação. Um dos mais aplicados estudiosos da sexualidade humana, “costumava dizer que toda relação sexual envolve pelo menos quatro pessoas. Duas são reais, mas duas se encontram armazenadas no inconsciente – os pais.” (DANTAS, 2002, p.90)

A relação adolescente – família – escola é importante, pois estes segmentos quando dialogam conseguem chegar a um resultado positivo. Se um deles agir de forma opressora, poderá obter resultados indesejáveis. Aos pais, por exemplo, é preciso cautela, pois devem fazer proibições, intervenção quando necessário, para que os filhos não sintam-se desgovernados, além disso é necessário que se mostrem presentes, não representando simples marionetes nas mãos dos seus filhos. Por outro lado, devem estar preparados para as mudanças que podem vir a ocorrer e não se intimidarem de buscar apoio em leituras sobre a sexualidade, informações com profissionais capacitados, e caso preciso, dispor de terapias, quando o foco fugir da alçada familiar. “[...] Os pais precisam aceitar por mais doloroso que pareça que a decisão é deles ‘Estão tendo que engolir a vida sexual dos filhos de qualquer jeito, às vezes a custa de muito antiácido’”. (COSTA, 2000 *aput* MARI, 2000, p.125). Mari (2000, p.125) acrescenta ainda:



“[...] Pois a primeira vez dos filhos vai ocorrer independentemente da vontade do papai e da mamãe. E eles só saberão depois, se por acaso vierem saber, porque o segredo é regra.”

Podemos assim, relacionar o interesse do adolescente pelas descobertas sexuais com o permissivismo dos pais, o que facilita ainda mais a concretização das curiosidades, ou seja, como alguns pais liberam a dormida do namorado ou namorada da filha ou filho em casa, o adolescente sente-se à vontade para desconhecer limites.

Com o crescimento da liberdade do adolescente para encarar à sexualidade a sua maneira, vêm se formando quadros considerados normais para alguns pais, porém, absurdos para outros. Dentro do que alguns consideram absurdos, Dantas (2002, p.22) cita que:

Nas regiões metropolitanas 38% dos adolescentes têm permissão para transar em casa, no interior, esse número chega a 18%; No Norte e no centro-oeste cerca de 30% dos pais autorizam sexo em casa; No sul o número chega a 35%; No sudeste 29%; No Nordeste 11%; Além disso, 37% dos meninos têm autorização para dormir com a namorada, contra apenas 9% das meninas;

Para justificar tais liberações, os pais prendem-se às seguintes explicações:

Para 54% é mais seguro que na rua; Para 37% em casa há mais controle; 26% cedem por insistência do(a) filho(a); 15% para garantir uma vida sexual saudável; 6% preferem não justificar.

Na busca total da satisfação do(a) parceiro(a), os adolescentes buscam romper barreiras, superar limites, encarando o que ou quem vier pela frente. A tentativa de proibição ou inibição por parte dos pais, pode não ser a melhor solução, segundo a Psicologia moderna e pode resultar em tragédia, como o caso da família Hichthofen em São Paulo, quando contrariada a própria filha articula com o namorado a morte de seus genitores, pelo fato destes discordarem do namoro dos dois.

O período adolescente é encarado como uma época de inúmeras descobertas, superações e desafios e é preciso agir com cuidado, pois trata-se de uma fase delicada, onde o adolescente quer quebrar tabus, enquadrar-se num grupo, numa turma, cometendo muitas vezes, atos irresponsáveis.

Muitos conceitos mudaram no decorrer dos tempos, o antigo “namorar” foi substituído por “ficar”, sendo que, vários são os códigos relativos a esse novo termo. Além disso, vale muito os comentários no grupo, as “fofoquinhas” que geram uma satisfação entre os adolescentes.

Para demonstrar que os tempos são outros, a companhia dos pais, segundo comentário dos jovens, pode parecer “um mico” e “ser virgem” em algumas regiões, também.

Para atender a esses modismos, os adolescentes vêm aderindo a uma verdadeira demanda de novos atos que superam os limites dos parâmetros sociais. Veja, por exemplo, os



dados de uma entrevista publicados no Instituto Cidadania citados por (TEIXEIRA; TATINI; MARTHE, 2004, p.47):

Estão satisfeitos com a sexualidade?

Meninos:

3% nada satisfeitos; 5% pouco satisfeitos; 12% mais ou menos satisfeitos;
80% muito satisfeitos.

Meninas:

8% nada satisfeitas; 7% pouco satisfeitas; 18% nada satisfeitas; 67% muito satisfeitas.

Com que idade teve a primeira relação sexual?

Meninos:

7% não responderam; 16% são virgens; 8% com 18 anos ou mais; 21% com 16 ou 17 anos; 17% até 13 anos; 31% com 14 ou 15 anos.

Meninas:

7% não responderam; 4% até 13 anos; 35% são virgens; 14% com dezoito anos ou mais; 21% com 16 ou 17 anos; 19% com 14 ou 15 anos.

Para se compreender porque o adolescente pensa e age diferente, tendo esse temperamento impulsivo, imediatista e inconsciente, torna-se necessário entender que nesta fase, muitas são as diferenças nos comandos cerebrais de um adolescente e um adulto. Além disso, faz-se necessário também levar em conta que, apesar de serem complicados em seus relacionamentos, os adolescentes estão inseridos em contextos diferentes que jamais podem ser esquecidos.

Tudo isso é vestígio de uma liberdade que foi oprimida de ser manifestada em outras épocas e quando conseguiram expressar-se alargaram de maneiras equivocadas, que certos casos passam dos limites. Esses passos são favorecidos com auxílio poderoso da tecnologia, que lança programas com poucas censuras, fugindo do autocontrole dos pais o acompanhamento das informações que entram na vida dos filhos com uma enxurrada. Tudo isso merece uma auto-reflexão, por todos que estão incluídos nesse processo social, político e educacional.

Políticas públicas de atenção ao adolescente

Analisando minuciosamente as relações existentes entre a sociedade, o adolescente e o segmento político, percebemos que estão inteiramente ligados uns aos outros, tendo em vista que há muitos deveres a serem cumpridos pelos cidadãos e muitas obrigações do sistema para com estes. Para alguns, pode até soar estranho relacionar o político com o adolescente, entretanto, se pararmos para pensar, veremos que a desestrutura na qual encontra-se inserida a



sociedade só vem a fortalecer cada vez mais a existência de uma sociedade desajustada, rebelde e capaz de inúmeras formas de manifestação, ainda que pouco se consiga com os gestos de insatisfação dos jovens perante às aberrações do sistema.

Indignações e cometimento de erros ocorrem muitas vezes porque, na prática, os papéis não são fielmente desempenhados na proporção que deveriam ser, pois, se por um lado há interesse ou não da juventude de manifestar suas opiniões ou, participar ativamente de suas funções, por outro nem sempre o governo corresponde às expectativas deixando a desejar no que concerne às competências a ele atribuídas.

São muitas as resoluções, artigos, leis propostas, enfim, elementos elaborados com a finalidade de amparar o cidadão (onde está também incluído o adolescente) que não funciona no cotidiano. A verdade é que o sistema de políticas públicas voltadas ao atendimento ao adolescente ainda deixa a desejar.

Vejam algumas considerações feitas a seguir na lei federal nº 8069/1990 que rege o Estatuto da Criança e do Adolescente onde consta: “ART. 7º A criança e o adolescente têm direito à proteção, à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso em condições dignas de existência.” (BRASIL, 2001, p. 71)

Como vimos, no que se refere à praticidade, as leis que regem o país ainda estão distantes de serem atendidas, pois justamente por não serem aplicadas é que acabam causando uma má estrutura principalmente no campo que se refere ao bem estar.

O que acontece no cotidiano é que alguns jovens não acreditam, não se interessam e deixam escapar direitos providos por tais esferas, sentindo a falta dessa seguridade num determinado momento.

Deveria-se sim, reivindicar aquilo que é de garantia, pois, quando as falhas atingem o bem estar não estão atingindo um alvo qualquer, mas justamente aquele que representa a coluna vertebral do convívio coletivo.

No âmbito social, um dos principais problemas enfrentados no tocante à educação diz respeito ao cumprimento dos direitos assegurados à população infanto-juvenil.

Além das responsabilidades governamentais nos níveis Federal, Estadual e Municipal tem que haver a participação da população e a maioria não é preparada para integração desse porte, pois se trata de uma população com porcentagem bem elevada de analfabetismo, que conseguem ser lesadas por falta de conhecimento que as leis asseguram. Pode-se constatar que, quando se aproximam as eleições, a população passa a usar o valor do voto como objeto de leilão. Não se sabe expressar dignamente a escolha de um representante, não sabem que, por determinado período, estão avalizando e passando poderes para que o



representante dê direcionamento de acordo com os interesses, que às vezes, não condizem com as necessidades que a sociedade almeja.

Quando há participação dos pais, há um diálogo considerado normal, que, na maioria dos casos prepara para situações mundanas, porém, no que se refere às obrigações compatíveis ao sistema, que são direitos do jovem, poucos são os esclarecimentos, pois as competências do estado ainda são temas debatidos em curta escala entre família e adolescentes, que acabam aprendendo a maneira dos meios tecnológicos.

As informações, geralmente chegam de forma vaga. Mesmo assim os pais tentam dentro de um ambiente desfavorável, dar uma noção geral das diretrizes do comportamento que devem trilhar para o caminho de um bom cidadão. Claro que nem sempre resolvem, pois há situações complexas, principalmente quando trata-se de jovens que estão em processo de formação. Observemos a afirmação:

A televisão, o cinema, a imprensa inundam o cotidiano dos jovens com apelos sexuais jamais vistos por outra geração. É daí que nasce a fantasia que toda transa é maravilhosa. Se o adolescente se deixa influenciar por esse bombardeio, poderá ter decepções na vida real. (MARI, 2000, p.125)

As vertentes desse processo indicam quantos trabalhos têm que ser planejados e executados pelas autoridades governamentais, em primeiro lugar dando prioridade na preparação das populações menos esclarecidas, através de palestras contínuas, com profissionais competentes e formação adequada: Psicólogos, médicos, antropólogo, subsidiando o trabalho dos professores e orientando os pais, nas situações que mereçam um apoio particular e individual.

Devem ainda oferecer recursos, através da oportunidade de trabalhos dignos para os representantes familiares. Equivalente a esse planejamento – familiar, outro fator imprescindível e urgente são políticos voltados à escola pública, com acompanhamento, mais recursos humanos e equipamentos bem estruturados, que possam atender às necessidades individuais psico-sociais da juventude, que clamam por liberdade, às vezes confundida com libertinagem, gerando revolta e falta de perspectiva no futuro.

Não se pode negar que essa atual geração é bem informada, mas muitas dessas informações são muito conturbadas por serem distorcidas, mergulhadas em fantasias eróticas, que desviam a atenção dos jovens para aspectos menos condizentes à perspectiva humana, ou seja, que trariam geralmente enfoques mais voltados ao amor.

Torna-se necessário que a população se una e mobilize-se cada vez mais na cobrança a seus representantes, exigindo mais atenção aos problemas que são prioridades para o equilíbrio, conforto e informações mais eficazes na formação dos adolescentes. Tem que



haver maiores estímulos, na formação de grupos que possam trabalhar em prol de outros mais desfavorecidos, pois se trata da maioria.

Para isso, os governantes devem descentralizar mais os recursos públicos e fiscalizá-los a fim de que não haja futuras fraudes, pois o “jeitinho brasileiro” não funciona quando se trata de evitar o desvio de recursos.

A política é fragilizada quando não encontra a participação ativa dos cidadãos de idoneidades sólidas, pois não será voltada a atender os interesses de uma sociedade.

A verdade é que a falta de compromissos ou, o não cumprimento, bem como o restrito diálogo entre os jovens e família esclarecendo sobre seus reais direitos e deveres têm levado os adolescentes a se influenciarem pelo modismo, ou seja, a aprenderem a se acomodar com as informações enviadas de formas diversificadas pela mídia, que, por sua vez, geralmente condizem com os interesses dos dominantes.

Vêm se formando a mentalidade do termo “tudo é natural” e como consequência de tudo isso, ocorrem tragédias no eixo familiar e reflexos agravantes à sociedade como: gravidez indesejável, desinteresses pelos estudos, aderência à criminalidade, aquisição de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs).

A maioria desses resultados negativos decorre de uma sociedade desajustada, mal amparada pelos segmentos, sendo que, provavelmente diante de uma bandeira de luta social coletiva, tal quadro poderá ser revertido. Não se quer aqui atribuir totalmente a responsabilidade pelo desajuste juvenil ao governo, mas, demonstrar que se houvessem políticas de apoio mais direcionadas ao campo social, em especial à família, à escola, teríamos uma base formadora mais consistente, capaz de refletir e dialogar com os adolescentes em vez de dividir problemas sobre os quais muitos ainda não têm nem a noção do que seja.

Método

A pesquisa envolveu levantamento de dados em campo para o desenvolvimento de estudo de natureza descritiva. Segundo Rudio (2003, p. 71) “estudando o fenômeno, a pesquisa descritiva deseja conhecer a sua natureza, sua composição, processos que o constituem ou nele se realizam.” Para Gil (1991, p. 45) “são incluídos nesse grupo as pesquisas que tem por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população.” Desta forma, tratou-se de um estudo que visa identificar e caracterizar a concepção do adolescente diante da sua sexualidade, através da descrição do fenômeno estudado.



A pesquisa relaciona dados primários obtidos através de revisão bibliográfica às informações obtidas em campo. Com isso, pode-se aproximar a teoria dos autores no tocante a sexualidade, com a concepção dos jovens do município do Juazeiro do Norte – CE.

Aplicando um método quali-quantitativo, foi possível descrever o fenômeno estudado e quantificar os dados coletados.

A população da pesquisa foi composta por 31 jovens adolescentes de ambos os sexos, de 11 a 20 anos, assistidos pelas Organizações Não-Governamentais MORACA - Movimento Raízes do Cariri; JURITI e Jesus Maria José no município do Juazeiro do Norte – CE.

O instrumento constou de um questionário aplicado aos sujeitos, todos adolescentes da 4^o a 8^o séries, entre outubro a dezembro de 2011. Como o estudo consta de uma análise numérica dos dados, valorizando a possibilidade de aprofundamento de opiniões sobre o tema, o questionário aponta quesitos de dupla escolha, com pedido de justificativa de cada assertiva. Assim o enfoque qualitativo foi dado na abordagem de variáveis e número de informante e o enfoque qualitativo foi possibilitado pelo aprofundamento das respostas.

Segundo Lakatos e Marconi (1986, p. 178-179) “*o questionário apresenta vantagens como atingir um maior número de pessoas simultaneamente, obtenção de respostas rápidas e possibilita uma uniformidade na avaliação dos resultados.*”

Os participantes foram esclarecidos quanto a finalidade e voluntariedade da pesquisa, bem como da garantia do anonimato das informações.

Resultados e Discussão

Aspectos individuais dos adolescentes entrevistados

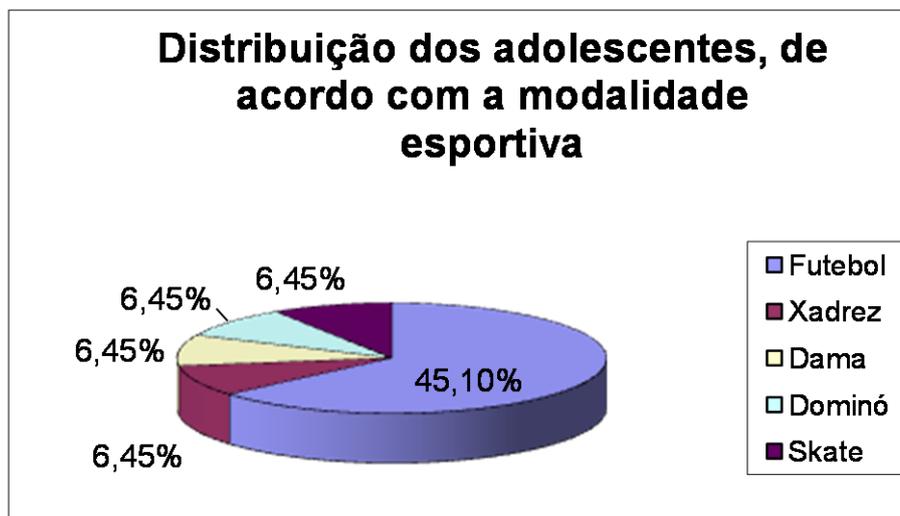
Dos adolescentes abordados 38,7% (12) foram do sexo feminino e 61,3% (19) foram do sexo masculino. A faixa etária localiza-se entre 11 e 20 anos, prevalecendo as opiniões dos adolescentes de 12 a 14 anos, 64,5% (20) adolescentes. Desses, 90,3% (28) eram naturais do Ceará e 71% (22) naturais de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha.

Quanto a religião prevaleceu a católica (93,5%, 29 sujeitos). O percentual de católicos justifica-se no próprio cenário regional marcado por forte catolicismo popular e na própria inserção do catolicismo no Brasil, considerada religião predominante. A religião influenciou consideravelmente nas opiniões e crenças dos entrevistados, visto que é a base de formação espiritual de um povo e sobre ela se constrói muitas atitudes e estilos de vida (RUDIO, 2003).



Com relação à escolaridade 87% (27) cursam o ensino fundamental I e 13% (4) ingressaram no ensino médio. Prevalendo alunos no ensino fundamental II (antigo ginásio), com 64,5% (20) das opiniões.

Residem uma média de 5,4 pessoas por domicílio com de renda familiar de 2 salários mínimos, dados obtidos a partir do cálculo da média aritmética. Entre os adolescentes, 87% (27) realizam alguma atividade esportiva. Consta-se que 67,7% (21) praticam esportes coletivos, onde predomina o futebol 45,1% (14). Os demais correspondem a esportes individuais, destacando-se os mais realizados: xadrez, dama, dominó, skate, com 6,5% (2) cada. Observa-se que 22,6% (7) participam de mais de uma prática esportiva.



Quanto aos meios de telecomunicação mais utilizados quando os adolescentes buscam informações, o meio de informação visual (TV) com 80,6% aproximou-se do meio impresso (jornais e revistas) com 74,2%, como sendo a forma mais representativa de aquisição de informações. Outros meios de comunicação também são utilizados pelos adolescentes (16%), como teatro, internet, amigos e livros. Os resultados foram obtidos considerando que os informantes podiam assinalar mais de uma alternativa.

Concepções acerca da sexualidade

Nessa etapa da pesquisa buscou-se identificar o nível de informação sobre alguns aspectos da sexualidade e apontar aspectos culturais, como tabus, crenças e preconceitos. O questionário levanta questões cotidianas nas quais os adolescentes encontram-se inseridos, buscando sondar a opinião dos mesmos diante determinadas situações.



O questionário aponta assertivas que constam de opções de concordância ou discordância sobre o tema e espaço a justificar a escolha. No questionário (apêndice) realizado com os adolescentes do Orfanato Jesus Maria e José, MORACA e Juriti, direcionamos uma diversidade de perguntas voltadas a inúmeros focos e os resultados obtidos foram os seguidos dos respectivos depoimentos:

1. É ridículo mulher idosa namorar um adolescente.

35,5% (11) Concordam.	64,4% (20) Discordam
<i>“Porque a mulher idosa não pode namorar.” (M, 11)</i> <i>“É muito feio.” (M, 13)</i> <i>“Porque a idosa não tem capacidade.” (M,13)</i> <i>“Porque ela seria mais velha que ele e teria a idade de ser sua mãe.” (F, 16)</i> <i>“Porque essa idosa poderá ser avó dele.” (F, 12)</i> <i>“Por que o ideal é namorar com um próprio idoso.” (M, 15)</i>	<i>“Porque o que importa É o Amor e a confiança que Os dois tem Não a idade.” (F, 12)</i> <i>“Pois a idade não vem ao caso o que importa é o amor.” (F, 14)</i> <i>“Porque todos têm direito de amar, e se um homem pode a mulher também não pode?” (M, 20)</i> <i>“Com o amor nada é ridículo.” (M, ?)</i>

Este é um assunto de grande interesse para a mídia, estando sendo abordado atualmente na novela da Rede Globo, Senhora do Destino. Os personagens Alberto e Shirley vivem esta experiência amorosa e enfrentam preconceitos por parte de alguns parentes e amigos.

A maioria dos adolescentes entrevistados mostraram não possuir preconceito com a faixa etária para relacionamentos amorosos, ratificando a importância do amor numa relação. Nos depoimentos de concordância, percebe-se a presença de outros preconceitos embutidos, além da idade para relacionamentos amorosos.

2. Homossexuais devem ministrar educação sexual.

32,25% (10) Concordam.	67,75% (21) Discordam
<i>“Porque ele não vai fazer mal as crianças” (M, 11)</i> <i>“Porque ele faz dos dois tipos h/m, ele pode incinar.” (F, 12)</i> <i>“Até mesmo seria um preconceito se não concordasse, o importante é que ele passe seus conhecimentos como professor.” (M, 17)</i> <i>“Porque a gente tem que respeita-los.” (F, 10)</i>	<i>“Porque seria falta de respeito” (F, 16)</i> <i>“Porque influencia os héteros sexuais.” (M, 15)</i> <i>“Eles não podem ensinar por que eles podem ensinar a outras pessoas o ser homossexual.” (M, 13)</i> <i>“Porque eles podem abusar das pessoas” (M, 13)</i> <i>“Porque não ia pegar Bem para os garotos.” (F, 12)</i> <i>“Nenhum pai vai deixar seus filhos com gays.” (M, 14)</i>



Esta questão apresentou um alto índice de reprovação perante o lecionar de um indivíduo homossexual. Foi visto nos depoimentos um preconceito bastante evidente a esta camada da população, e a influência de sua escolha sexual afetando o trabalho profissional.

3. Os pais que ensinam métodos contraceptivos a seus filhos, os incentivam a atividade sexual.

42% (13) Concordam	58% (18) Discordam
<p><i>“eles só devem falar ou seja alertar depois que o filho pedir orientação.” (F, 14)</i> <i>“eles não entram nas coisas.” (M, 12)</i> <i>“Porque eles estão praticamente mandando.” (M, ?)</i></p>	<p><i>“eles já estão incentivando a ter cuidado com as doenças sexualmente transmissível.” (M, 13)</i> <i>“porque eles está prevenindo sua filha ou seu filho.” (F, 13)</i> <i>“Porque os pais apenas querem proteger os filhos, e mesmo sem ensinar os filhos aprendem de qualquer jeito.” (M, 20)</i> <i>“ No sentido de prevenir, quando chegar o momento certo saberá como agir.” (M, 17)</i></p>

A contracepção é um recurso utilizado para prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez indesejada. O governo, a sociedade, a escola e a família são instrumentos essenciais de divulgação e incentivo aos adolescentes no uso de métodos preventivos. Assim como há rejeição por parte de alguns jovens na utilização dos métodos, há aqueles que encaram o incentivo à contracepção como um incentivo a atividade sexual, principalmente quando estas orientações provém dos pais.

4. A responsabilidade pela contracepção deve ser da mulher.

35,5% (11) Concordam	64,5% (20) Discordam
<p><i>“Elas tem mais chances de pegar uma gravidez ou DST.” (M, 17)</i> <i>“É muito melhor.” (M, 14)</i> <i>“quem quiz foi ela.” (F, 13)</i> <i>“ele que quis aquilo que ela fez.” (M, 13)</i></p>	<p><i>“os dois tem responsabilidade porque o erro foi dos dois que não pensaram.” (F, 14)</i> <i>“Porque não é só a mulher que vai sentir prazer, o homem também vai ou talvez até mais, então porque o homem não se preocupa em como não engravidar a mulher?” (M, 20)</i></p>

Neste ponto prevaleceu a divisão de responsabilidades, os dois parceiros são co-responsáveis pela prevenção de uma gravidez indesejada. Neste momento, o homem ou a mulher podem participar fazendo uso de um dos mais corretos meios contraceptivos e prevenção de DSTs: a camisinha. Existe ainda estigma de que a mulher é a única responsável



pela contracepção, um trabalho de educação e saúde com estes adolescentes é muito importante para retirar este falso conceito.

5. A mulher tem tanta necessidade sexual quanto o homem.

58% (18) Concordam	42% (13) Discordam
<p><i>“Todo ser humano tem necessidade sexual.” (F, 14)</i> <i>“Porque é um instinto natural” (M, 20)</i></p>	<p><i>“o homem é mais ágil e mais forte” (M, 13)</i> <i>“porque a mulher é mais calma neste caso” (F, 12)</i> <i>“porque não é preciso.” (F, 12)</i> <i>“porque o homem é mais ativo.” (M, ?)</i></p>

Nesta questão houve uma prevalência de concordância na igualdade da necessidade sexual de um homem e de uma mulher. De fato, a necessidade sexual é igual para ambos sexos, o que diferencia é a exteriorização deste desejo sexual, devido a cultura de cada povo. Muitos adolescentes que concordaram com o fato, não justificaram sua opinião, o que põem em dúvida a certeza da escolha.

6. A virgindade pré-conjugal não deve ser exigida nem do homem nem da mulher.

51,6% (16) Concordam	45,2% (14) Discordam
<p><i>“É uma coisa pessoal.” (M, 14)</i> <i>“Porque isso é normal os dois não ser virgem.” (F, 11)</i> <i>“Porque eles têm sua própria vontade.” (M, 11)</i> <i>“Uma pessoa não tem nada de importante com a vida da outra, a não ser se forem casados.” (M, 15)</i> <i>“porque tanto faz perder antes ou depois.” (F, 12)</i> <i>“Porque os direitos são iguais.” (M, 18)</i></p>	<p><i>“Tem que ser exigido, eles tem que ter amor a sua pessoa, e não estragar a vida com uma relação.” (M, ?)</i> <i>“o sexo pra mim deve ser feito por amor e não por curiosidade, necessidade etc...” (F, 14)</i></p>

* 3,2% (1) Não opinaram

A questão da virgindade é um assunto que divide opiniões, trata-se de uma polêmica. Há décadas passadas, a sociedade brasileira não discutia muito esta questão de virgindade, por ser um tabu praticamente indissolúvel. Atualmente, os conceitos do que é certo e do que é errado vem sofrendo modificações, e a sociedade passa a se adaptar ao novo estilo de vida da modernidade. A virgindade encontra-se em um processo de transição, no qual muitos preconceitos, machismos e tabus mantém-se e outros indivíduos lutam pela modificação de conceitos, expressão da liberdade sexual e aceitação social.



7. O homem é sexualmente ativo, a mulher sexualmente passiva.

32,25% (10) Concordam.	58% (18) Discordam
<p><i>“a mulher é mais passiva que o homem” (F, 11)</i> <i>“a mulher tem um pouco de vergonha na hora.” (F, 12)</i></p>	<p><i>“os dois são sexualmente ativos” (M, 17)</i> <i>“os dois tem que ser ativos.” (F, 20)</i> <i>“Porque ele é mais paciente.” (M, 15)</i> <i>“porque há casos em que a mulher estimula o homem, tornando-se até mais ativa.”(M, 20)</i> <i>“existem mulheres e homens ativo(as) e passivo(as).” (M, 15)</i> <i>“os dois sentem necessidades tanto um quanto o outro.” (F, 16)</i></p>

* 9,75% (3) Não opinaram

Nota-se a partir dos depoimentos que não houve por parte dos entrevistados um real entendimento e/ou conhecimento dos termos “ativo” e “passivo” no âmbito da relação sexual. O dicionário define o termo passivo aquele “que sofre ou recebe uma ação ou impressão. Que não atua; inerte.” (FERREIRA, 2001, p.533) e ativo “aquele que exerce ação; que age, funciona, etc.; apto a agir, funcionar, etc., com rapidez.” (FERREIRA, 2001, p.79)

8. A masturbação prejudica a saúde.

45,15% (14) Concordam.	48,4% (15) Discordam
<p><i>“Ajuda a se controlar.” (M, 14)</i> <i>“Porque pode mau tratar.” (M, 11)</i></p>	<p><i>“Porque é uma necessidade de todos se masturbar.” (M, ?)</i> <i>“Seria uma preparação, um exercício que ajudará no ato sexual.” (M, 17)</i> <i>“Faz bem a saúde” (M, 17)</i> <i>“Moderada não prejudica.” (M, ?)</i> <i>“Eu acho que ajuda na hora do sexo.” (M, 14)</i> <i>“Porque a masturbação é uma espécie de reconhecimento do seu próprio corpo.” (M, 20)</i> <i>“Apenas podem nos tornar obcecados por sexo.” (M, 15)</i> <i>“eu acho que a masturbação é tipo uma maneira de fazer sexo.” (F, 14)</i></p>

*6,45% (2) Não opinaram

A masturbação é um ato de “reconhecimento do seu próprio corpo”, não é maléfico



a saúde. Segundo o dicionário Aurélio a masturbação “é um ato de provocar orgasmo (em) pela fricção da mão ou por outro modo.” (FERREIRA, 2001, p.483)

9. É repugnante ter relações sexuais durante a menstruação.

51,6% (16) Concordam.	29% (9) Discordam
<p>“Porque a pessoa deve pegar duença.” (M, 13) “Sim, porque é nojento.” (F, 12) “Acho uma falta de higiene.” (F, 16) “pode dese o sangue na ora.” (M, 14) “Porque é uma falta de engiene e uma irresponsabilidade dos dois.” (M, ?) “Porque fica muito seboso.” (M, 15) “A mulher esta numa fase que tem que relaxar.” (M, 14)</p>	<p>“Talvez seja a mesma coisa em qualquer relação sexual.” (M, 17) “Por que se a mulher for uma que se cuida não há problema nenhum.” (M, 20)</p>

*19,4% (6) Não opinaram

Manter relações sexuais durante a menstruação não é contra indicado do ponto de vista biológico. A situação para muitos é nojenta e repugnante, entrando assim no campo psicológico. Em mulheres com ciclo menstrual regular, a fase em que está menstruada é um dos períodos em que não há perigo de engravidar.

10. Quanto maior o pênis, maior o estímulo sexual da parceira.

25,8% (8) Concordam	74,2% (23) Discordam
<p>“elas gostam de coisa grande.” (M, 12) “A mulher passa a gostar mais ainda do parceiro.” (M, 15) “Porque a mulher gosta mais e sente mais prazer.” (F, 12)</p>	<p>“Não importa o tamanho.” (M, 18) “Tanto faz maior ou menor.” (M, 13) “Pois o importante é saber que está com a pessoa certa, sentir prazer, tesão, etc.” (F, 16) “Porque o pênis é uma doença muito grave.” (F, 11) “Para uma boa relação só basta amor.” (M, ?) “Porque a mulher não se sente muito bem.” (M, 15) “Por que a mulher vai sentir mais dor.” (M, 14) “Porque a vagina da mulher é elástica e ela se adequa a todo tamanho de pênis assim de qualquer jeito a mulher tem prazer.” (M, 20) “A vagina irá ajustar-se naturalmente no pênis, não importa o tamanho, o estímulo será o mesmo.” (M, 17)</p>



As duas últimas afirmações explicam biologicamente o que ocorre no momento do ato sexual, independentemente do tamanho do pênis a mulher tem a possibilidade de sentir o mesmo prazer, apresenta o mesmo estímulo sexual.

11. É possível viver feliz sem relações sexuais.

22,6% (7) Concordam	74,2% (23) Discordam
<p><i>“Porque o padre não é feliz sem sexo?” (M, 14)</i> <i>“Se você tiver amor a sua religião. Ex: Um padre consegue, porque tem um maior amor por Deus.” (M, ?)</i> <i>“O sentimento é mais forte e assim eles podem ter uma vida normal, com sexo ou sem, o amor é o que prevalece mais.” (M, 17)</i> <i>“Porque só sente necessidade da relação a partir do momento em que se faz pela primeira vez.” (M, 20)</i></p>	<p><i>“Porque sexo faz parte da vida.” (M, 18)</i> <i>“Ninguém consegue.” (M, 12)</i> <i>“Com a vida sexual tudo passa a ser mais interessante.” (M, 15)</i> <i>“A gente fica com vontade de fazer sexo.” (M, 13)</i> <i>“Porque não tem quem ature viver sem relações sexuais.” (F, 12)</i> <i>“Pois somos todos seres humanos e precisamos sentir o calor de um parceiro.” (F, 16)</i> <i>“Sexo é uma necessidade humana.” (F, 14)</i> <i>“Porque sexo é muito bom.” (M, 15)</i> <i>“Não é possível viver sem sexo.” (F, 20)</i></p>
*3,2% (1) Não opinaram	

Nesta questão, grande percentagem dos entrevistados defendeu com ímpeto a importância da relação sexual na vida de um ser humano, embasados nos sentimentos, nas necessidades fisiológicas, na razão e na emoção. O percentual que afirmou a possibilidade de ser feliz sem sexo, embasou sua justificativa prioritariamente na religião: pois a Igreja Católica possui a regra do Celibato Clerical, onde os padres são impossibilitados de casar e constituir família, sua família passa a ser Jesus Cristo e sua comunidade cristã.

12. Você comunicaria a seus pais a sua primeira relação sexual.

45,15% (14) Concordam.	54,85% (17) Discordam
<p><i>“Só a minha mãe, porque eu não gosto de mentir para minha mãe.” (F, 10)</i></p>	<p><i>“Tem adolescentes que não tem coragem de dizer aos pais, pros pais não brigarem e nem deixar de castigo.” (F, 12)</i> <i>“Vergonha.” (M, 17)</i> <i>“Ela não gostaria pois ela acharia que eu não estava preparado.” (M, 15)</i></p>

A comunicação aos pais de uma atitude tão íntima depende da relação de confiança



e abertura existente anteriormente a primeira relação sexual. Existem famílias em que esta comunicação é espontânea e os pais participam ativamente da vida sexual de seus filhos. Entretanto, em famílias tradicionalistas, o diálogo e a expressão da vida íntima é reprimida ou castigada, muitos então optam por ficar calados. Nesta situação de sigilo familiar, “os pais são os últimos a saberem”.

Diante dos dados acima mencionados, pudemos analisar como alguns adolescentes comportam-se mediante circunstâncias presentes no cotidiano da sociedade. Verificamos que alguns encaram com certa naturalidade as atitudes vivenciadas por muitos desta geração. Outros ainda mantêm vivo os padrões, costumes e tabus que foram repassados durante sua criação. Deve-se levar em conta que para questionar cada posicionamento do adolescente, é imprescindível localizar-se em que meio estão inseridos, a região e país a que pertencem, qual a cultura existente neste espaço, e considerar todas as questões sociais e políticas que influenciaram a formação do pensamento crítico deste adolescente.

Considerações Finais

A proposta do trabalho desenvolvido anteriormente foi de traçar um perfil acerca do adolescente moderno, do seu modo de pensar, agir e se relacionar, além de buscar entender sua postura quando o assunto é sexualidade.

Após compreendermos o verdadeiro sentido dos termos “adolescência” e “sexualidade”, partimos para um outro ponto, pois para se chegar a uma compreensão sobre como vivem, torna-se extremamente importante percorrer algumas trilhas que estão inteiramente ligadas a pessoas que estão enquadradas na vida dos que ocupam esta faixa-etária, como a família, a escola, o grupo de amigos e demais segmentos sociais.

Pode-se verificar que, alguns procedem de modo coerente e, apesar do peso que o nome adolescente representa, agem com coerência e discernimento, sendo raros esses tipos. Por outro lado foi possível averiguar que, a maioria apresenta dificuldades quando aproxima-se o período de descobertas, principalmente quando o corpo começa a evoluir e os interesses sexuais começam a surgir.

Viu-se também que é justamente no auge da adolescência que a família e a escola se deparam com os maiores índices de problemas, pois cada adolescente apresenta maneiras diversas de pensar e encarar os fatos, encontrando por parte dos pais, reações aceitáveis ou opressoras.

Aprofundou-se através de depoimentos e fundamentações de diversos autores as maneiras como se comportam determinados grupos e demonstrou-se como proceder diante de



momentos difíceis, para que, ao invés de se criar uma geração revoltada ou traumatizada, se conquiste uma geração consciente, livre, porém, com limites e responsabilidades.

Procurou-se ainda relacionar até que ponto o sistema é responsável pelas ocorrências ou distúrbios causados no segmento adolescente, pois além de não oferecer os subsídios básicos para a formação de um jovem sólido, pouco atenta para os problemas decorrentes com os mesmos, formando pensamentos frustrados ou incrédulos a atuação política.

Percebeu-se ainda que a cultura absorvida pela nova geração leva-nos a confrontar com épocas anteriores, obtendo-se o que se chama choque de gerações, ou seja, o que antes se considerava absurdo para alguns, passa a ser normal para outros. É justamente diante deste dilema que entra o papel do educador envolvido no processo.

Observou-se posteriormente, que muitas vezes os procedimentos ou medidas tomadas são incabíveis, sugerindo-se que a sociedade repense o modo de agir diante dos problemas ou dificuldades, principalmente quando o assunto envolve os adolescentes.

A política, a educação, a cultura, enfim, os vários elementos componentes do processo de interação de educação juvenil são parcialmente ou em alguns casos totalmente responsáveis pela maneira como esse grupo conduz seu comportamento. Na verdade, o que se averiguou foi que não deve haver uma punição severa, sem que antes haja um trabalho de orientação, instrução. Parte-se do pressuposto de que primeiramente é preciso informar, formar para após cobrar e mesmo, no momento de cobrança é necessário que se proceda com prudência, pois muitos adolescentes ainda não têm o discernimento, principalmente quando confrontam-se com aspectos associados à sexualidade.

Apontou-se também a escola como instrumento de facilitação, educação e intermediação entre a família e o adolescente, além de facilitadora do aprendizado, preparando os que se encontram nessa faixa-etária para as dificuldades que encontrarão do mundo considerado externo.

Buscou-se finalmente, entender de que modo a adolescência se comporta diante de uma sociedade cada vez mais moderna, o que realmente este grupo entende por limites. Além disso, tentou-se construir uma posição sobre como deve realmente proceder os demais grupos envolvidos, pois são os que mais sofrem para aceitar as mudanças ou evoluções da fase adolescente.

Chegou-se por fim a certeza de que, a adolescência representa sem dúvida um período conturbado e com necessidade de atenção total, sendo os estudos realizados considerados mínimos no que concerne à grandeza de tal assunto. Este estudo, certamente, servirá de fonte de referência a outros estudos na área, de forma a alargar os conhecimentos sobre este importante campo de estudos.



Referências

ARAGÃO FILHO, José Aderbal. **A Juventude**. Crato, 2004.

BIANCARELLI, Aureliano. Disciplina faz alunos assumirem responsabilidade. Folha **de S. Paulo**, São Paulo, 7 fev. 1998. Cotidiano, p.8.

BOSCOV, Isabela; MARTHE, Marcelo. Como nossos ancestrais. **Veja**, São Paulo: Abril, ed. 1812, ano 36, n. 29, p. 68-75, jul. 2003.

Brasil. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei federal 8069 de 13 de julho de 1990. Juazeiro do Norte, 2001.

CASTANHO, Jacinto Rolha. **Sexualidade Adolescente**: Educação sexual num contexto de responsabilidade. Disponível em: <<http://jacintocastanho.planetaclix.pt/sexualidade.htm>>. Acesso em 25.05.04

CASTRO, Letícia de. A paranóia do corpo. **Veja**, São Paulo: Abril, p. 70-71, set. 2001. Edição especial jovens.

DANTAS, Edna. **Licença para fazer sexo na casa dos pais**. Época, São Paulo: Globo, n. 206, p. 84-90, abr. 2002.

FEBRASCO, **Saúde do Adolescente**. Brasília, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI**: O minidicionário da língua portuguesa. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.



MARI, Juliana de. Os pais estão Confusos. **Veja**, São Paulo: Abril, ed. 1633, ano 33, n. 4, p. 122-128, jan. 2000.

MARTHE, Marcelo. A Tirania adolescente. **Veja**, São Paulo: Abril, ed. 1841, ano 37, n.7 p. 70-77, fev.2004.

MUSSEN, Paul Henry; CONGER, Jonh Janeway; KAGAN, Jerome; HUSTON, Aletha Carol. **Desenvolvimento e Personalidade da Criança**. 3. ed. São Paulo: Habra, 1995.

REY, Monte. **O adolescente**. Disponível em: <<http://www.monterey.org.br/preven%E7%E30.htm>>. Acesso em: 03.01.02

ROCHA, G.L.H. **Adolescência e sexualidade**: algumas reflexões. Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/glhr/sexo1.htm>>. Acesso em: 25.05.2004

ROCHA, Gabriela Lanzetta Hoack da. **Adolescência e Sexualidade**. Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/grhr/cartilha/sex.html>>. Acesso em: 25.05.2004

TEIXEIRA, Jerônimo; TATINI, Giuliana; MARTHE, Marcelo. **Cérebro de Adolescente**. *Veja*, São Paulo: Abril, p.34-35, jun. 2004. Edição especial jovens.

TEIXEIRA, Jerônimo; TATINI, Giuliana; MARTHE, Marcelo. **Os Códigos do Ficar**. *Veja*, São Paulo: Abril, p.44-48, jun. 2004. Edição especial jovens.

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. **São Paulo: Sol**.

ZAGURY, Tania. *O adolescente por ele mesmo*. **9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997**.

Como citar este artigo (Formato ISO):

ARAGÃO, M.S.S.; CARNEIRO, R.E.S.; ROCHA, H.G. Adolescentes e suas percepções sobre a sexualidade. **Id on Line Revista de Psicologia**, Julho de 2013, vol.1, n.20, p. 123-151. ISSN 1981-1189.